

HISTÓRIA, MEMÓRIA E IMAGENS: REFLEXÕES SOBRE CÁCERES-MT¹

²Aparecida Cristina da Silva Ribeiro

³Elson Gonçalves Ribeiro

⁴Antônio Sidney Miranda Silva

RESUMO:

Este trabalho é resultado de um projeto de pesquisa desenvolvido com alunos da EJA - Educação de Jovens e Adultos, na Escola Estadual São Luiz, cidade de Cáceres - Mato Grosso. Baseados na temática *História e Memória de Cáceres*, tornou-se fundamental conhecer obras de vertentes histórica e literária do autor Natalino Ferreira Mendes, referência no tema. Além de textos do autor, como crônicas históricas e poemas, as imagens selecionadas têm como objetivo refletir sobre a história de origem da cidade. Como suporte teórico e crítico, o texto pauta-se em conceitos de história, memória, cidade, imagens e iconografia dos seguintes autores: Paiva (2006), Burke (2004), Le Goff (2003), Panofsky (1979), entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; História; Memória; Cidade e Imagem.

“A memória de um povo não é apenas lembrança de fatos, mas sim um manancial de ensinamentos que alimenta o presente e prepara o futuro”.
(Natalino Ferreira Mendes)

A escrita deste trabalho é norteadada por uma experiência de pesquisa desenvolvida em sala de aula, com alunos da EJA - Educação de Jovens e Adultos, particularmente, oitavo e nono ano da Educação Básica, na Escola Estadual São Luiz, em Cáceres, Mato Grosso. No espaço escolar “sala de aula” desenvolveu-se reflexões sobre a temática *História e Memória de Cáceres*, com embasamento bibliográfico em textos de autoria de Natalino Ferreira Mendes, professor e ilustre cacerense que é referência sobre a História de Cáceres.

¹ A primeira versão do trabalho foi apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) em Educação de Jovens e Adultos, pela FIC – Faculdades Integradas de Cuiabá, em 2013.

² Graduação em Letras/Língua Inglesa, Mestrado e Doutorado em Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT.

³ Graduação em História pela UNEMAT. Especialização em Educação de Jovens e Adultos pela FIC – Faculdades Integradas de Cuiabá.

⁴ Graduação em História e Mestrado em Educação pela UNEMAT.

Natalino Ferreira Mendes nasceu na cidade de Cáceres, em janeiro de 1924. Começou a pesquisar e escrever desde cedo, tendo publicado seu primeiro livro somente em 1973. O pendor literário de Ferreira Mendes foi reconhecido pelas duas instituições culturais mais expressivas e antigas de Mato Grosso, o Instituto Histórico e Geográfico e a Academia Mato-grossense de Letras, das quais compõe seus quadros (MENDES, 2009, p. 5).

Além de historiador, com diversas publicações que traçam percursos da história de formação da cidade, Natalino Ferreira Mendes também produziu obras de pendor literário, como crônicas e poemas. Os poemas do autor revelam uma concepção estética clássica e de estilo romântico. O olhar do poeta é lançado na vastidão e exuberância da terra natal, como o verde das matas, o colorido dos pássaros da terra pantaneira, sobre o curso de águas tranquilas de rios e baías, que compõem o espetáculo do pôr-do-sol cacerense. Sua escrita sensível descortina diante do leitor memórias fecundas da cidade, seus monumentos históricos, sujeitos ilustres da terra mato-grossense e múltiplas identidades de suas gentes. Em “Ave, palavra: entre o canto e a lira do poeta”, prefácio do livro de poemas *Pássaro vim-vim* (2010), escrito por Castrillon-Mendes, a pesquisadora afirma que:

Os poemas de Natalino Ferreira Mendes, dispersos e ocasionais, são indispensáveis para construir a imagem de um tempo e de um lugar, pois unem-se às publicações históricas do escritor mato-grossense para configurar um recorte específico e os modos de representação e funcionamento dessa historicidade, apreendida na plurissignificação dos versos (MENDES, 2010, p. 5).

As publicações do autor: *História de Cáceres: História da Administração Municipal* (2009), *Efemérides Cacerenses* Vol. I e II (1992), *História de Cáceres: origem, evolução, presença da força armada* (2010), *Memória Cacerense* (1998), *Anhuma do Pantanal* (1993) e *Pássaro Vim-Vim* (2010), constituem principais referências de onde busca-se os recortes de textos (história e literatura) para refletir sobre discursos de origem da cidade, no curso de formação e transformação, que compreende mais de dois séculos de história. A cidade é um espaço singular de transformação, e Cáceres, traz no traçado de ruas e na arquitetura urbana, histórias e memórias que reportam ao século XVIII.

De acordo com reflexões de Raymond Williams em *O campo e a cidade* (2011), a cidade ganha destaque por ser um espaço marcado por formas urbanas de controle,

de ordem e caos, comporta grande número de concentrações humanas, e que representa, sobretudo, contrastes, como riqueza e pobreza. Assim, entende-se que a cidade é um espaço de constantes transformações, representa desenvolvimento, composta de uma realidade heterogênea e aglomerações. É nas cidades que estão concentrados os centros da cultura e do saber. Portanto, trazem no traçado de suas arquiteturas, geografias que transitam entre a história e a modernidade.

A escrita de Natalino Ferreira Mendes elegeu a cidade de Cáceres (musa inspiradora de sua poética) e por isso apresenta discursos sobre formação, transformação social, política, presença/influência militar e religiosa. A importância dos escritos do autor é destaque no prefácio à segunda edição de *História de Cáceres* (2009), feito por João Carlos Vicente Ferreira, que destaca o valor das obras do autor cacerense, por seu labor exaustivo de bibliografias e documentos inéditos.

História de Cáceres foi elaborada a partir de exaustiva pesquisa realizada em vasta bibliografia e documentos inéditos reunidos no acervo de instituições educacionais, arquivo público, biblioteca da Casa Barão de Melgaço e Prefeitura de Cáceres. Este livro não nasceu como simples quadro cronológico das administrações municipais desde os primórdios cacerenses, quando ainda era a bucólica Vila Maria do Paraguai, que homenageava D. Maria I, rainha lusitana, e o histórico rio, principal formador do Pantanal de Mato Grosso (MENDES, 2009, p. 9).

No prefácio do livro de crônicas *Memória Cacerense* (1998), a pesquisadora Elizabeth Madureira Siqueira afirma que a escrita de Natalino Ferreira Mendes demonstra o aprofundamento da história e a preservação da memória da cidade natal. Conforme a autora, a tarefa do historiador é árdua, e exige, sobretudo, persistência, sensibilidade e senso investigativo.

A tarefa do historiador é árdua, exige persistência e, sobretudo, requer do estudioso senso investigativo e muita sensibilidade. A presente obra, “Memória Cacerense” é uma expressão do esforço do seu autor, **Prof. Natalino Ferreira Mendes**, homem das letras, estudioso e pesquisador da História de Mato Grosso, que tem se dedicado, sobretudo, no aprofundamento e preservação da memória de sua cidade natal, Cáceres (MENDES, 1998, p. 7).

O conjunto da literatura de Natalino Ferreira Mendes oportunizou conhecer e refletir sobre elementos da organização histórica, política, social e cultural da cidade

de Cáceres. Conforme destaca Siqueira (1998, p. 7), mesclando competência, muita pesquisa, excelente memória e extrema sensibilidade, o autor cacerense “convidamos a um passeio pela região de Cáceres, com sobrevôos pelo Guaporé, através de **crônicas históricas** capazes de conduzir o leitor ao interior do túnel do tempo”. A pesquisadora assevera que os escritos temáticos reunidos no livro *Memória Cacerense*, “incorporam expressiva **documentação**, transcrita no corpo do trabalho, acompanhada de comentários rigorosos e preciosos, constituindo-se em fonte imprescindível de consulta” (MENDES, 1998, p. 7, grifos da autora). Além disso, é importante considerar que o “olhar do historiador reflete, sempre, o seu posicionamento no mundo”, destaca a autora.

O Prof. Natalino demonstra com a presente obra, um espírito aberto e fraterno, uma vez que reparte com os leitores um universo de pesquisa que custou-lhe, certamente, uma vida dedicada aos estudos e investigações. Por outro lado, seus escritos revelam sua concepção sobre a realidade social: trata ele de aspectos que vão da **história administrativa, militar e eclesiástica**, ao **cotidiano da cidade** e de **seus habitantes**, indistintamente, **num movimento dialético capaz de colar o passado ao presente** (MENDES, 1998, p. 7-8, grifos nosso).

Refletir sobre a história de Cáceres é também pensar sobre os sentidos do passado na vida de uma comunidade de indivíduos, tendo em vista que o passado é uma dimensão permanente da consciência humana, de acordo com Hobsbawm (2013). Segundo o autor, “todo ser humano tem consciência do passado [...] e ser membro de uma comunidade humana é situar-se em relação ao seu passado (ou da comunidade), ainda que apenas para rejeitá-la” (HOBBSAWM, 2013, p. 25). Como cidadãos pertencentes à essa comunidade (cacerense), pesquisar sobre o passado/história da cidade é uma função social e que produz efeitos na prática docente, principalmente quando o olhar investigativo partiu do local/regional (Mato Grosso) para se compreender as relações históricas e políticas estabelecidas com o nacional e internacional, no interior do Brasil. Assim, considera-se que refletir sobre os sentidos do passado da cidade é, sobretudo, estabelecer conexões com a história da nação e as relações coloniais nos sertões de Mato Grosso.

Na obra *Cáceres: passado e presente de uma geografia poética* (2020)⁵, composta de fotografias de Rai Reis e textos da professora pesquisadora Olga Maria Castrillon-Mendes, a autora enfatiza as relações do processo histórico de Cáceres com a história do Brasil e a presença portuguesa na região Oeste de Mato Grosso.

Sabe-se que Cáceres é parte do processo histórico mais amplo que teve início no ciclo dos bandeirantes paulistas, conhecido como ciclo do ouro, de que resultaram os estados de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso. Levados pelos rios que correm para o interior, os paulistas alcançaram os espaços conhecidos como “sertões distantes” e fizeram desse avanço os primeiros fundamentos da presença portuguesa no Guaporé. Da investida bandeirante até Cuiabá e Guaporé, foi criada a Capitania de Mato Grosso, em 1748 (REIS, 2020).

Dessa forma, considera-se que o conjunto da literatura de Natalino Ferreira Mendes é fundamental no sentido de auxiliar o professor de História (e de outras áreas) a oferecer um ensino que parte do princípio da historicidade no tempo e no espaço. Por exemplo, as obras do autor permitem ao leitor/professor/aluno acessar “fontes sobre acontecimentos históricos e mecanismos de transformação e manutenção das estruturas sociais, econômicas, políticas e culturais ao longo do tempo”, conforme preconizado nas competências específicas para o ensino de História, proposto pela BNCC – Base Nacional Comum Curricular (MEC, p. 400).

Sobre as relações passado/presente como ponto de partida para se compreender a historicidade no tempo, Jacques Le Goff (2003, p. 209) considera que “a distinção passado/presente que aqui nos ocupa é a que existe na consciência coletiva, em especial na consciência social histórica”. Ainda sobre essa relação, é preciso não esquecer ensinamentos deixados por historiadores como Lucien Febvre e Marc Bloch, que consideram que “a história não pode separar o estudo do passado do estudo do presente e do futuro”.

Apontamentos sobre a História de Cáceres

No início do projeto, em sala de aula, trabalhou-se a contextualização da colonização em Mato Grosso e essa abordagem incluiu reflexões sobre a origem da

⁵ A obra não é paginada. Composta de fotografias do cacerense Rai Reis e textos da Profa. Dra. Olga Maria Castrillon-Mendes (UNEMAT), a obra é um convite ao leitor, conduzindo-o a uma viagem através da história e memória de principais monumentos da cidade cacerense, como a Catedral de São Luiz e o Marco do Jauru.

cidade de Cáceres, haja vista, que ela “faz parte do processo histórico que se inicia no período dos bandeirantes, em pleno ciclo do ouro, de que resultou a conquista dos atuais estados de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso” (MENDES, 2010, p. 4). A colonização em Mato Grosso iniciou-se em 1719, quando Pascoal Moreira Cabral, com sua monção, chegou ao “rio Coxipó, logo acima da sua barra no rio Cuiabá, onde acampa [...] dando origem ao primeiro povoado de Mato Grosso – Cuiabá, cujo termo de fundação foi lançado em ata no dia 8 de abril de 1719” (MENDES, 2010, p. 4). Sabe-se que os bandeirantes vieram em busca de metais preciosos, como o ouro, e também de mão de obra escrava indígena, logo se tornaram mineradores.

Foi a partir de um projeto político de expansão territorial no interior do Brasil pela coroa portuguesa que deu origem ao surgimento do Mato Grosso. Após bandeirantes terem encontrado ouro no rio Coxipó Mirim, nas margens do rio Cuiabá, iniciou-se um processo de nascimento da Capitania de Mato Grosso. Para assegurar a terra de domínio português, ocupada com a chegada dos primeiros bandeirantes paulistas, foi necessário D. João V criar a Capitania, em 09 de Maio de 1748, desmembrando-a de São Paulo. O objetivo era fiscalizar e controlar impostos sobre o ouro extraído da nova região e manter a guarda das terras na fronteira Oeste brasileira.

O primeiro governador e capitão-general da Capitania de Mato Grosso, Antônio Rolim de Moura, chegou a Cuiabá no ano 1751 (de Lisboa para Pouso Alegre - Vila Bela) e teve como principal incumbência fundar a capital da nova Capitania, no vale do rio Guaporé, assegurando o direito às terras de domínio português, sobretudo, atuar com diplomacia em relação aos vizinhos colonizadores espanhóis, guarnecendo e expandindo a fronteira Oeste em nome da Coroa portuguesa.

Um dos principais projetos implementados por governadores da nova Capitania era a guarnição militar da fronteira Oeste. E para prosseguir com a missão de intensificar a segurança da fronteira, garantindo o povoamento e a expansão da região, tomou posse o Capitão-general Luíz de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, em 13 de setembro de 1772, quarto governador e fundador da cidade de Cáceres. A principal preocupação do governo de Albuquerque era manter a guarda das terras de domínio português nessa região do Brasil. Estrategicamente planejado, ergueram-se o Forte do Príncipe da Beira e vilas de descansos para os Capitães-Gerais, assegurando os rios Paraguai e Guaporé como principais meios de locomoção e acesso entre a metrópole e colônia.

Conforme Siqueira (2002, p.53), Vila Maria (atual Cáceres) “foi fundada com o objetivo de estabelecer uma conexão efetiva entre a Vila de Cuiabá e a capital, Vila Bela da Santíssima Trindade, a meio caminho dessas duas importantes vilas”. Foi com esse objetivo, que a 6 de outubro de 1778 o lusitano (Luíz de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres) fundou Vila Maria do Paraguay, numa singela homenagem à rainha reinante em Portugal, D. Maria I. Entre a categoria de vila para a de cidade, Cáceres constituiu-se de um projeto político estrategicamente planejada durante o período colonial, servindo como ponto de apoio entre Cuiabá e Vila Bela da Santíssima Trindade. Conforme Castrillon-Mendes (2020):

O plano estratégico que colocou Cáceres como o encontro de caminhos entre Cuiabá e Vila Bela congregou dois aspectos necessários para aquele momento histórico: o povoamento e a obra civilizatória, determinando o processo de apropriação com o qual se configurou, política e socialmente, o espaço geográfico de Mato Grosso, colocando-nos diante de discursos que nos constituíram historicamente (REIS, 2020).

Nesse processo de segurança militar e povoamento estratégico das terras de domínio português na fronteira Oeste do Brasil, o rio Paraguai é um elo importante de transporte e desenvolvimento econômico da Capitania de Mato Grosso. Foi através da navegação em rios da região que chegavam e partiam pessoas, e sobretudo, chegava-se mercadorias, para o abastecimento de comércios locais. Assim, a cidade cacerense foi fundada às margens do rio Paraguai, nascida de uma pequena vila na segunda metade do século XVIII, em pleno território do Pantanal. Geograficamente, entende-se que a cidade se encontra localizada em uma área de transição de relevo e vegetação, como serras, cerrado e planície pantaneira.

As reflexões em sala de aula partiram das relações sobre a colonização em Mato Grosso e o recorte afinou-se para o estudo da temática *Monumentos Históricos de Cáceres*, tomando assim, como objeto de estudo, os principais monumentos da cidade, como a Catedral de São Luiz e o Marco do Jauru, que compõem discursos históricos e de memória sobre a colonização em Mato Grosso.

A região urbana central da cidade é reconhecida por seu *Centro Histórico*, que apresenta características arquitetônicas singulares, como ruas estreitas e casarões coloniais, algumas, datadas do ano de construção. Há, no entorno central, o cais da Praça Barão e uma vasta arquitetura que expressa linguagens marcadas de história

e memória, mantendo a cidade como “símbolo da presença portuguesa desde o século XVIII”, afirma Castrillon-Mendes (2020). O conjunto urbanístico e paisagístico da cidade recebeu o Tombamento do IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em 2010⁶. Além do *Centro Histórico*, existem fazendas e usinas, como a Fazenda Jacobina, Fazenda Descalvados e a Fazenda Ressaca⁷, consideradas núcleos-base de formação e desenvolvimento socioeconômico de Cáceres. Portanto, é com base nesses espaços de memória que a pesquisa busca construir análises a partir de textos/discursos e imagens.

História, Memória e Imagem⁸

Para analisar as imagens presentes no trabalho toma-se como base teórica estudos de Peter Burke (2004), Eduardo França Paiva (2006), Erwin Panofsky (1979), Roger Chartier (1990), entre outros. Tais autores são referências fundamentais para se pensar a leitura da imagem/iconografia como registro da história. Dessa forma, estudos dos respectivos autores enfatizam conceitos de *iconografia*, *iconologia*, *representações culturais e visuais*, *evidência*, *fato histórico* e o entendimento de *imagens como textos*.

Torenzani (2002) considera que não se deve esquecer que apesar de ser um meio de conhecimento sobre o passado, a imagem, torna-se apenas uma fonte histórica e não o conhecimento definitivo. Assim, a fotografia é um fragmento do conhecimento, um aspecto da realidade.

⁶ Conforme informações do IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, a Catedral de São Luiz, Praça Central e o Marco do Jauru são os primeiros monumentos que receberam tombamento em 1978, ano do bicentenário da cidade. Posteriormente, o conjunto arquitetônico e paisagístico da cidade recebeu o tombamento em 2010. Informações podem ser acessadas no portal do IPHAN: <http://portal.iphan.gov.br>.

⁷ Conforme Castrillon-Mendes (2020), a Fazenda Jacobina é um Patrimônio rural considerado a célula-mater da cidade de Cáceres. A vastidão de suas terras se estendia até o morro “Escalvado”, local da então Fazenda Descalvados, à margem direita do Rio Paraguai, a aproximadamente 150 km rio abaixo. Já a Fazenda Ressaca (Usina Ressaca), situada a 18 km da cidade, que atualmente é de propriedade da Empresa Grendene S/A com exploração da pecuária e plantio de soja, ficou famosa pela qualidade de sua aguardente de cana de açúcar e pelo fornecimento de produtos agrícolas de suas lavouras.

⁸ As imagens de monumentos históricos da cidade expostas no trabalho são de domínio público. No entanto, no livro **Cáceres: passado e presente de uma geografia poética** (2020), do fotógrafo Rai Reis, o leitor também pode ler/conhecer os principais monumentos da cidade através de uma perspectiva histórica e poética.

Peter Burke (2004) considera que por mais que a imagem esteja fielmente retratada, o que se vê é uma parte do todo, a visão do fotógrafo, e este, pode forjar uma cena.

O termo *iconografia* tem origem grega (*eikón*), que significa *imagem*. Após avanços, desenvolveu-se a criação do termo *eikonographia*, que em latim tornou-se *iconographia* e finalmente *iconografia*. O conceito significa a imagem registrada e a representação por meio da imagem, conforme Paiva (2006).

De acordo com Peter Burke, as imagens podem ser consideradas *evidências históricas*, de um passado deixado através dos registros, sendo possível compreender marcas e registros de uma cultura e de determinados períodos.

O historiador brasileiro Eduardo França Paiva (2006) compreende que *imagens* são *textos* e é através desta perspectiva que se entende a iconografia, como registro de um passado que permanece no presente. Se as imagens são textos, então é possível ler o passado. Tanto Burke quanto Paiva chamam a atenção para o cuidado de não se usar a imagem como mera ilustração do fato histórico.

É bem possível que historiadores ainda não considerem a evidência de imagens com bastante seriedade, a tal ponto que uma discussão recente falou da “invisibilidade do visual”. Como observado por um historiador da arte, “historiadores (...) preferem lidar com textos e fatos políticos ou econômicos e não com os níveis mais profundos de experiência que as imagens sondam”, enquanto outro historiador refere-se à “condescendência em relação a imagens” que isto implica. (BURKE, 2004, p. 12).

Considera-se que o trabalho com imagens não é uma tarefa simples pelo fato de lidar com representações visuais. Deve-se levar em consideração que as imagens são repletas de representações e por isso cabe ao professor ser um mediador do conhecimento, fornecendo instrumentos para auxiliar os alunos a interpretar o passado. Portanto, ressalta-se que cada imagem é um texto e que em cada imagem/texto encontra-se diversas possibilidades de se ler a História.



Imagens 1 e 2 – Cais da Praça Barão do Rio Branco, Cáceres – MT

As imagens 1 e 2 são do Cais da Praça Barão do Rio Branco, que se encontra localizado na parte central da cidade e é um importante espaço turístico. Iniciar as análises a partir da configuração histórica desse espaço é refletir sobre o princípio de origem da cidade e a sua relação com o rio Paraguai. É preciso considerar que o Cais foi a principal porta de entrada e saída, tanto de pessoas quanto de mercadorias, portanto, é o espaço que propiciou desenvolvimento econômico, social e cultural.

Na literatura de Natalino Ferreira Mendes, destaca-se o navio Etrúria, um personagem importante da história cacerense que permite refletir sobre a cidade. É a imagem do navio que estampa a capa do livro *Memória Cacerense*. Na crônica “Luz Elétrica a bordo do “Etrúria” – 1923”, o autor menciona a notícia reportada no jornal A RAZÃO, edição de 15 de dezembro de 1923, relatando a importância do navio para o desenvolvimento econômico da cidade.

ETRÚRIA – A 10, pouco depois das 7 horas da noite, daqui partiu com destino a Corumbá o paquete “Etrúria” que ultimamente, enquanto esteve fundeado no porto desta cidade, recebeu um importante melhoramento, graças aos inextinguíveis esforços da firma José Dulce E Cia. a que pertence o referido navio (MENDES, 1998, p. 91).

E na crônica “O “Etrúria” Voltando do Estaleiro”, o autor traz a notícia publicada no jornal da terra (A RAZÃO), de 18 de novembro de 1950, que menciona o retorno da embarcação às atividades fluviais, ligando a cidade cacerense a outros pontos do Brasil, por intermédio da navegação no rio Paraguai.

ETRÚRIA – Numa destas últimas manhãs, a cidade foi despertada com um apito tão seu conhecido. Era o ETRÚRIA, o barco da cidade de Cáceres, que após alguns meses de estaleiro, regressava, garboso, para continuar a fazer a linha que, há mais de 50 anos, vem fazendo. Não há, acreditamos, quem, em Cáceres, não se julgue dono de um pedacinho do ETRÚRIA!... Justifica-se, portanto, a nossa alegria, vendo o nosso vaporzinho e ouvindo o seu apito, que tantas recordações nos traz (MENDES, 1998, p. 199).

Nas crônicas do autor, verifica-se a referência afetiva ao navio que é um marco importante da história da cidade, como garboso navio/personagem, que contribuiu para o desenvolvimento econômico, social e cultural de Cáceres, que com a sua chegada também se aportavam no Cais novidades, notícias, mercadorias e modas/tendências trazidas de outros lugares. Além de crônicas históricas, o poema *Etrúria* é um canto de amor, afeto e saudades, que traz à memória os trejeitos galantes do “vapor famoso” da cidade, conforme pode-se observar:

Um longo apito ecoa sonoro!
- Etrúria!... Diz o povo emocionado.
Já o porto de gente apinhado:
- Eis, na volta do rio, o barco airoso.

Anos mais de cinquenta, no passado,
Ligaste a Corumbá, Vapor famoso,
A urbe de Albuquerque (nome honroso!)
- Único meio de transporte usado.

Assim, tanto te uniste à nossa vida
No abraço da chegada e da partida,
Que símbolo já eras da cidade.

Etrúria...O Paraguai está vazio...
Fecharam-te o cais... Mas tu, navio,
Continuas vivendo na saudade (MENDES, 1998).

O poema (soneto) entoado na forma clássica demonstra o canto de amor e saudade, ao navio símbolo da cidade, que evidencia a memória do poeta e do “povo emocionado”, que esperam no Cais a chegada do “barco airoso e Vapor formoso”,

que ligava Cáceres a Corumbá, no século XX. O canto ao Etrúria enfatiza a ligação da história do navio com as vidas cacerenses através do curso das águas, nos abraços “da chegada e da partida”.

Sobre a escrita poética do autor, Castrillon-Mendes (2020) afirma que através da estrutura fixa do soneto é “recriada a essência histórica da cidade, representação do artista empenhado, do culto às belas letras com as quais se penetra a essência do belo [...]”. Assim, seja nas crônicas históricas como em poemas do autor, observa-se que a memória permite reportar à história da cidade, com fatos, datas, personalidades, símbolos e acontecimentos, convidando o leitor a adentrar no passado.

Em outro poema, denominado “Desfile Fluvial”, o poeta novamente reporta ao Etrúria, destacando a importância histórica do navio a vapor para o desenvolvimento econômico, as relações familiares, e principalmente, os intercâmbios industriais e sociais entre as cidades Corumbá e Cáceres, conforme observado abaixo.

Albuquerque já previa
no seu gênio fecundo
que Cáceres seria,
pela navegação fluvial,
um porto aberto p’ra o mundo.

O Etrúria, no passado,
em Cáceres fez história.
Em sua esteira se sucedem,
cheios de glória,
os barcos que conheci
ou que a tradição
os nomes nos passou.
Suas quilhas percorriam
o rio de cima a baixo,
Corumbá e Cáceres unindo,
num abraço infindo,
pelo comércio,
atividade industrial,
laços familiares
e intercâmbio social.

[...]

Elegante, ferindo o ar
com seu apito inconfundível,
o ETRÚRIA encerra o cortejo.

.....

Desfaz-se a visão das lanchas

em desfile.
Das embarcações do passado
a imagem já se esvai...
Mas fica ainda a saudade
navegando o Paraguai,
à espera de outros navios
que ocupem o seu lugar
na medida do progresso
desta terrinha sem-par. (MENDES, 1998, p.110-112).

Em “Desfile Fluvial”, o poeta enfatiza a importância da navegação como principal meio de transporte no rio Paraguai, e posiciona a cidade, fundada por Albuquerque, “o gênio fecundo”, como “um porto aberto p’ra o mundo”, no intercâmbio de relações comerciais que ligava Cáceres-Corumbá-Cáceres. Desse modo, o poeta enfatiza a importância do Etrúria e a sua relação com o progresso da cidade. Assim, o poema destaca o passado “cheio de glória” do famoso navio que na cidade “fez história”. No poema, há referência a outros barcos que também participaram do desfile fluvial, porém, nas imagens “das embarcações do passado” é o “elegante Etrúria que encerra o cortejo”. E na memória do poeta, permanece a saudade de vê-lo “navegando o Paraguai”, talvez, “à espera de outros navios que ocupem o seu lugar”. Nas histórias do barco/personagem evidencia-se uma fase importante de desenvolvimento econômico da cidade.

Na crônica “Cáceres: cidade portuária”, o autor reporta ao século XVIII, ano 1778, fundação de Vila Maria, com ensejo do Capitão-Geral Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, o lusitano que tinha em mente que a vila/cidade faria parte do sistema de navegação fluvial, constituindo numa porta de ligação entre Mato Grosso e São Paulo.

Com efeito, o desenvolvimento urbano da então Vila Maria, fundada em 1778, teve início com abertura da navegação pelo rio Paraguai, conseguindo a Freguesia a sua emancipação em 1859, quando foi criado o município, e, quinze anos mais tarde, 1874 a elevação da sede municipal à cidade, com o nome de São Luiz de Cáceres, em homenagem ao Santo Padroeiro, e ao fundador, Luiz de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, lusitano de elevadas qualidades intelectuais, morais e administrativas. A navegação fluvial firma-se entre Cáceres e Corumbá, ao sul, com variantes para Cuiabá, a nordeste, e Barra do Bugres, ao norte, dinamizando toda a região ribeirinha povoada de sítios, fazendas e estabelecimentos de produção agropecuária, bem como as atividades extrativas. [...] Na mesopotâmia do Paraguai e seus afluentes cujos estuários se encontram mais próximos, viveu Cáceres um ciclo de prosperidade

que lhe proporcionaram as relações comerciais no interior do Município e em outras praças dentro e fora do Estado e até com o exterior (MENDES, 1998, p. 60, 61).

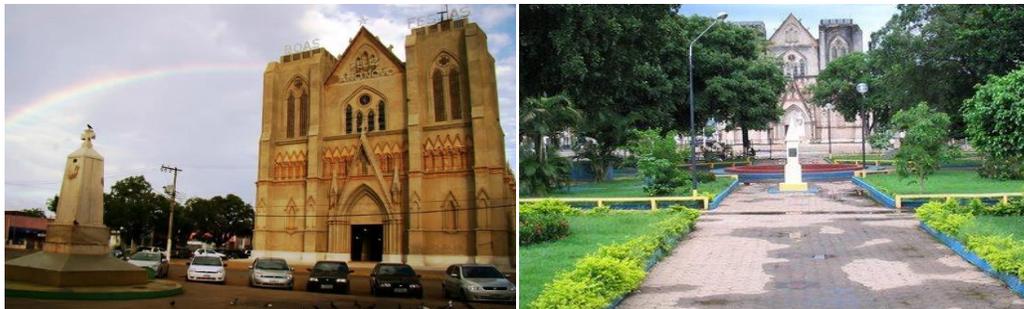
Conforme observado na crônica de Mendes, o rio Paraguai tornou-se o principal elo de ligação da cidade portuária com outros lugares do Brasil. No período colonial, o rio era o único meio de ligação através da navegação fluvial com as metrópoles, porta de entrada de bandeirantes e imigrantes que adentraram e povoaram o interior do sertão mato-grossense.

De acordo com o autor, na primeira metade do século XX (1929) foi inaugurado na Praça Barão do Rio Branco o Porto Mário Corrêa, para embarque e desembarque, levando riquezas naturais da terra mato-grossense e trazendo das metrópoles novidades em artigos de luxo, como tecidos, cristais, louças, pratarias, entre outros. O autor destaca que o Porto era o mais bonito de Mato Grosso e nele atracavam embarcações que faziam viagens entre Cáceres e Corumbá, como o Etrúria, com seu apito inconfundível. Sobre a importância do Cais do rio Paraguai, observa-se na crônica “Aeroporto Manga” a referência à ligação de Cáceres ao cenário nacional e internacional, via transportes fluvial e aéreo.

Aeroporto, sim. A **Manga**, que já foi porto fluvial de embarque e desembarque de gado, de mercadorias e mesmo de passageiros, funcionou também como aeroporto, no final da década de 1930 e início da de 1940. Os hidroaviões da **Sindicato Condor Ltda**, membro da **Internacional Air Traffic Association**, com sede no rio de Janeiro, pousavam no rio Paraguai e manobravam até o porto da **Manga** (MENDES, 1998, p. 23, grifos do autor).

Nas crônicas e poemas do autor verificam importantes referências sobre história e memória que permitem refletir sobre o desenvolvimento político, econômico, social e cultural da cidade de Cáceres e conexões com outros centros urbanos e comerciais do país. Os textos do autor são compostos de valiosas histórias que revelam diversas faces da centenária urbe nascida da relação colonial entre Portugal e Brasil. A pesquisa considera que as obras do autor são como mananciais de História, nas quais o professor/pesquisador possa consultar e desenvolver pesquisas sobre a História de Mato Grosso, principalmente com enfoque na História de Cáceres. As obras do autor

não se reduzem apenas a Cáceres, mas contextualiza-a no cenário nacional e internacional, partindo das relações políticas e econômicas em Mato Grosso.



Imagens 3 e 4 – Catedral de São Luiz e Marco do Juru

A Catedral de São Luiz e à sua frente o Marco do Juru são importantes monumentos históricos, patrimônios da cidade, localizados na Praça Barão do Rio Branco, em frente ao Cais do rio Paraguai. Na crônica “Catedral de São Luiz: 30 anos”, Natalino Ferreira Mendes afirma que em 1918 a Câmara Municipal fez a concessão e autorização do terreno para a construção da Catedral. O primeiro Bispo, empossado, D. Luiz Maria Galibert (nascido em Lasfaillades, Tarn-França) foi quem deu início às obras da Catedral, em 6 de outubro (aniversário da cidade) de 1919: “No ano seguinte, a 6 de outubro – data de aniversário da cidade, realiza-se a solene benção e colocação da Pedra Basilar da Catedral de São Luiz, na praça Barão do Rio Branco” (MENDES, 1998, p. 94). A imponente obra arquitetônica é inspirada em estilo neogótico e teve o projeto baseado no formato da Catedral de Notre Dame, de Paris (França).

Na crônica, o autor afirma que após 30 trinta anos de árduos trabalhos parte da obra ruiu, conforme verifica-se no fragmento: “[...] na noite de 23 de fevereiro de 1949, por volta das 23 h 30, ruiu fragorosamente parte da obra, depois de 30 anos de árduos trabalhos ali realizados” (MENDES, 1998, p. 94). Após retomada a construção, a Catedral foi inaugurada em 25 de agosto de 1965, pelo então Bispo Dom Máximo Biennés, trazendo consigo a imponência de uma obra arquitetônica de estilo clássico.

Em *Pássaro Vim-Vim: poesia da terra* (2010), a Catedral é destaque em um poema que exalta sua majestosa presença. O poema “Catedral de São Luiz” constrói imagens da grandiosa obra e também de agentes missionários, rememorando e exaltando a história do maior monumento de fé cristã do povo cacerense.

Monumento de fé
do povo cacereense,
a catedral São Luiz
exprime,
na sua imponência
e nas arquitetônicas linhas,
o arrojo e a perseverança
dos habitantes desta terra,
liderados por homens de visão,
entre os quais
três nomes,
da Ordem Terceira Regular
de São Francisco,
se destacam: D. Luiz Maria Galibert,
que lançou as obras do grande templo;
Frei Ambrósio Daydé,
denodado continuador;
e D. Máximo Biennés,
que, partindo das ruínas
deixadas pelo fatídico desabamento
de parte da construção,
concedeu a idéia luminosa
de retomar com ânimo forte,
os trabalhos de recuperação
da nossa majestosa catedral,
aproveitando o Máximo
o estilo original (MENDES, 2010, p. 66).

O poema narra a história da imponente Igreja Matriz, enfatizando seus traços arquitetônicos e a passagem do tempo, como o “fatídico desabamento” e a retomada “dos trabalhos de recuperação da majestosa catedral”. Assim, destaca três etapas: a construção, o desabamento (de parte da obra) e a retomada, permitindo ao leitor conhecer os principais episódios da história de sua construção. O poeta insere-se como sujeito da história ao referir-se “a nossa majestosa catedral”, trazendo para o texto poético nomes de “homens de visão da ordem religiosa de São Francisco”. São eles: D. Luiz Maria Galibert, o que “lançou as obras do grande templo”; Frei Ambrósio Daydé, o “denodado continuador” do trabalho primeiro; e D. Máximo Biennés, aquele que partiu “das ruínas deixadas pelo fatídico desabamento” e “concebeu a ideia luminosa [...] os trabalhos de recuperação do estilo original”. Portanto, o poema constrói-se de imagens de memória, rememorando elementos importantes do principal monumento da história cristã em Cáceres.



Imagens 5 e 6 – Lápide com inscrições do Tratado de Madri (1750), no Marco do Jauru.

O Marco do Jauru é um monumento histórico que se encontra localizado na Praça Barão do Rio Branco, assentado em frente à Catedral de São Luiz. O monumento simboliza o acordo assinado entre os reinos de Portugal e Espanha em 1750, denominado Tratado de Madri. Conforme Mendes (1998, p.138), “o Tratado de Madri celebrado entre Espanha e Portugal, no dia 13 de janeiro de 1750, estabelece os limites das possessões dos dois países ibéricos, na América do Sul”. O Marco/monumento foi criado para demarcar as terras fronteiriças sob o domínio de duas potências colonialistas.

Elizabeth Madureira Siqueira (2002, p. 50) afirma que o Tratado de Madri foi assinado na cidade espanhola de Madri e tinha como princípio básico o *uti possidetis*, ou seja, “como possuiis, continuais possuindo”. O Tratado “foi assinado pelos reis D. João V, de Portugal, e D. Fernando VI, de Espanha. Eram eles concunhados e desejavam regularizar as pendências, entre as duas Coroas, em terras americanas”, afirma a autora.

O rio Jauru, já por ocasião do Tratado de Madri, fora considerado um marco geográfico muito importante, o que fez com que a Coroa portuguesa, em 1754, mandasse despachar, de Portugal, imensos blocos de pedra esculpidos em forma piramidal, contendo inscrições que declaravam aquelas terras de domínio português. Esse marco permaneceu, durante todo o Período Colonial, às margens do rio Jauru, sendo que, mais tarde (1883), foi trasladado para a praça principal da atual cidade de Cáceres, onde até hoje permanece (SIQUEIRA, 2002, p. 51).

O monumento foi fabricado na Europa, em pedra de Lióz, e define os limites geográficos dos impérios espanhol e português na América do Sul. Conforme

Castrillon-Mendes (2020), duas formas do real existente marcam o lugar de memória simbolizado pelo entendimento e pelo marco/monumento: “o rio (Jauru, na época, o balizador do Tratado delimitando a fronteira natural, o discurso (Tratado) que transforma a posse em matéria de legalidade política e administrativa [...]”. De acordo com a autora, o conjunto desses dois monumentos (Marco do Jauru e Catedral) na Praça Central da cidade compõem discursos histórico-cultural, político e de fé.

No poema “Marco do Jauru”, de Natalino Ferreira Mendes, o poeta canta a história de heroísmo e rivalidade entre os reinos de Lusos e Castelhanos, na disputa de terras americanas.

Guardando velhos arcanos
Da gente antiga, valente,
- Dos Lusos e Castelhanos,
Como um gigante imponente
Jaz na praça principal,
Em frente da Catedral,
Velho Marco da Fronteira.

Traz nas faces as lendas
Das conquistas ideais...
- A vitória nas contendias
Entre dois povos rivais.
Atestado da potência
Do português valoroso
Na longa, antiga pendência
Co' o vizinho poderoso.

O Tratado comemora
De setecentos e cinquenta
Celebrado em boa hora
Com Castela sempre atenta;
Disciplinando a expansão
Dos dois reinos colossais,
Que se valem da ocasião
Dos parentescos reais!

Ele nos lembra GUSMÃO
- Conterrâneo original,
Alcunhado com razão
Na Espanha, em Portugal,
Por seus feitos e valia
(Alma forte e varonil!)
“O pai da diplomacia”
Que muito honrou o Brasil.

Na face, que o sul contempla,
Desse Marco de Fronteira,
Há um lema que acalenta

Esta terra brasileira:
- “Justiça e Paz se ocultaram”
Nestas plagas sem rivais...
- Grande exemplo nos legaram
Nossos fiéis ancestrais.

E o Marco, velho na idade,
Jaz em pedra, conservado
No coração da cidade
Como precioso legado...
Aos que passam impressiona
Pela forma e pela história:
Do seu conjunto assoma
Todo um passado de glória (MENDES, 1993, p. 26, 27).

O poema é construído de rimas e sons que elevam a bravura e a imponência de um símbolo/monumento, “no coração da cidade”, que representa o processo histórico-político da colonização em terras americanas, conforme se observa nos versos: “guardando velhos arcanos da gente antiga, valente/ - dos Lusos e Castelhanos”. Enfatiza-se também as relações de parentesco e rivalidade entre as Coroas: “[...] a vitória nas contendidas/ entre dois povos rivais [...] dois reinos colossais/ que se valem da ocasião/ dos parentescos reais!”. A linguagem poética toma o passado e segue costurando o tempo para ancorar no presente.

O Velho Marco de Fronteira, expressão poética do autor, foi transferido para a Praça Barão do Rio Branco em 2 de fevereiro de 1883 e por sua devida importância recebeu o tombamento de patrimônio histórico em 1978, ano do bicentenário da cidade cacerense, constituindo, com a Igreja Catedral, símbolos máximos de história e memória. A leitura e análises de crônicas e poemas de Natalino Ferreira Mendes, e imagens da cidade, possibilitaram refletir sobre Cáceres e a História de Mato Grosso através de um olhar histórico e poético.

Considerações finais

O trabalho é resultado de um percurso que iniciou em sala de aula e representa o compromisso com o ensino de História. A leitura de crônicas e poemas de Natalino Ferreira Mendes possibilitou dialogar com as imagens para se construir conhecimentos sobre a História de Cáceres e a História de Mato Grosso em conexão com a História do Brasil. A pesquisa considera que as obras do autor trazem

reminiscências do passado distante (Vila Maria/colonial), que estabelece relações com o presente. O conjunto de sua obra oferece uma diversidade de textos que mergulham nas relações entre história e memória e possibilitam o leitor acessar o conhecimento do passado através de perspectivas dialógicas.

A pesquisa considera que o conjunto da literatura de Natalino Ferreira Mendes é referência importante para o aluno/leitor conhecer os diversos percursos do processo de formação histórica, transformação social e política da cidade de Cáceres. E em se tratando do leitor/professor/pesquisador, considera-se que as obras do autor são fundamentais para a abordagem do ensino de História de Mato Grosso e as relações coloniais engendradas em terras mato-grossense.

Sobre o trabalho com imagens, como recurso didático, a pesquisa possibilitou o estudo de representações do passado criando formas de ensino e aprendizagem que contribuíram para o desenvolvimento dos alunos, pois observou-se certa necessidade de contato visual para se compreender a História. Parafraseando Castrillon-Mendes (2020), entre a memória e a história da terra e das gentes de Cáceres, a cidade, na literatura do autor cacerense, “surge entre retalhos tecidos por sensações e imagens que se juntam em escrituras do chão mais íntimo e unem vozes e símbolos que formam suas identidades”. Portanto, a pesquisa demonstrou que o Ensino de História “no chão da escola” pode revelar-se atraente quando há o encontro/diálogo de textos e imagens para a compreensão da História.

REFERÊNCIAS

BURKE, P. **Testemunha ocular**: história e imagem. Tradução de Vera Maria Xavier dos Santos. Bauru-São Paulo: EDUSC, 2004.

CASTRILLON-MENDES, O. M. **Matogrossismo**: Questionamentos em percursos identitários. Cuiabá-MT: Carlini & Caniato Editorial, 2020.

CHARTIER, R. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Editora DIFEL, Difusão Editorial: Lisboa, 1990.

CHAVES, O. R. e ARRUDA, E. F. de (Orgs.). **História e Memória**: Cáceres. Cáceres - MT. Editora Unemat, 2011.

HOBSBAWM, E. O sentido do passado. In: **Sobre História**. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. (p. 25-43).

Leite, L. P. P. **Vila Maria dos meus maiores**. São Paulo, 1977. Disponível na biblioteca digital: <<http://www.jmesquita.brtdata.com.br/bvjmesquita.htm>>. Acesso em 01 Outubro de 2013.

LE GOFF, J. **História e Memória**. Tradução de Bernardo Leitão [et al.]. 5ª ed. Capinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2003.

MENDES, N. F. **História de Cáceres**: História da Administração Municipal. 2ª edição. Cáceres - MT: Editora Unemat, 2009.

MENDES, N. F. **Efemérides Cacerenses**. Vol. I e II. Cáceres - Mato Grosso, 1992.

MENDES, N. F. **Memória Cacerense**. Cáceres – MT: Editora Carlini & Caniato, 1998.

MENDES, N. F. **História de Cáceres**: origem, evolução, presença da força armada. Tomo II. Cáceres-MT: Editora Unemat, 2010.

MENDES, N. F. **Anhuma do Pantanal**. Gráfica e Editora Pe. Berthier dos Missionários da Sagrada Família: Passo Fundo - RS, 1993.

MENDES, N. F. **Pássaro vim-vim**: poesia da terra. Cáceres - MT: Editora Unemat, 2010.

MENDES, N. F. (in memoriam) & CASTRILLON-MENDES, O. M. **Letras Cacerenses**. Cuiabá-MT: Carlini & Caniato Editorial, 2021.

MEC. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)** para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental. Brasília, 2018.

PANOFSKY, E. **Significado nas Artes Visuais**. 2ª edição. Editora Perspectiva: São Paulo, 1979.

PAIVA, E. F. **História e Imagens**. Coleção História e Reflexões. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

REIS, R. **Cáceres: passado e presente de uma geografia poética**. Texto de Olga Maria Castrillon-Mendes. 1ª edição. Ação Cultural. Cuiabá-MT: Editora Carlini & Caniato, 2020.

SIQUEIRA, E. M. **História de Mato Grosso**: da ancestralidade aos dias atuais. Cuiabá: Entrelinhas, 2002.

Torezani, J. N. **Itabuna: imagens do presente**. Anais do I Encontro Estadual de História ANPUH-BA – “História, Cidades e Sertões”. 17 a 20 de julho de 2002.

WILLIAMS, R. **O Campo e a Cidade**: na história e na literatura. Tradução de Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.